

Você pode não saber topologia, mas a topologia sabe você (ou por que se predispor a esse estudo e sua aplicação clínica)

Lia Silveira

Resumo

O estudo da topologia coloca para a formação do analista a necessidade de um esforço a mais, um investimento em algo que, não raro, é visto como muito difícil e/ou até mesmo considerado dispensável. Mas seria mesmo essa apenas mais uma ferramenta entre outras? A partir da experiência com um caso que me desafiou na clínica e de como o encontro com a topologia permitiu avançar em relação a ela, desenvolvo neste texto algumas razões pelas quais entendo que vale a pena se aventurar por esse campo.

Palavras-chave:

Topologia; Psicanálise; Formação do analista; Clínica.

You may not know topology, but topology knows you (or why predispose yourself to this study and its clinical application)

Abstract

The study of topology raises the need for additional effort for the analyst's training, an investment in something that, often, is seen as very difficult and/or even considered unnecessary. But is topology really just another tool among others? Based on the experience with a case that challenged me in the clinic and how the encounter with topology allowed me to advance in relation to them, I develop in this text some reasons why I believe that it is worth venturing into this field.

Keywords:

Topology; Psychoanalysis; Analyst training; Clinic.

Usted puede no saber topología, pero la topología sabe usted (o por qué predisponerse a ese estudio y su aplicación clínica)

Resumen

El estudio de la topología coloca para la formación del analista la necesidad de un esfuerzo más, una inversión en algo que, no es raro, es visto como muy difícil y/o incluso considerado prescindible. ¿Pero sería realmente esa apenas una herramienta entre otras? A partir de la experiencia con un caso que me desafió en la clínica y de cómo el encuentro con la topología permitió avanzar en relación a él, desarrollo en este texto algunas razones por las que entiendo que vale la pena aventurarse por ese campo.

Palabras clave:

Topología; Psicoanálisis; Formación del analista; Clínica.

Vous ne connaissez peut-être pas la topologie, mais la topologie vous connaît (ou pourquoi vous prédisposer à cette étude et son application clinique)

Résumé

L'étude de la topologie nécessite un effort supplémentaire pour la formation de l'analyste, un investissement dans quelque chose qui, souvent, est considéré comme très difficile et même considéré comme inutile. Mais la topologie n'est-elle vraiment qu'un outil parmi d'autres ? À partir de l'expérience d'un cas qui m'a interpellé dans la clinique et depuis la façon dont la rencontre avec la topologie m'a permis d'avancer par rapport à eux, je développe dans ce texte quelques raisons pour lesquelles je crois qu'il vaut la peine de s'aventurer dans ce domaine.

Mots-clés :

Topologie ; Psychanalyse ; Formation de l'analyste ; Clinique.

Por que a topologia?

O estudo da topologia coloca para a formação do analista a necessidade de um esforço a mais, um investimento em algo que, não raro, é visto como muito difícil e/ou até mesmo considerado dispensável. Mas seria mesmo essa apenas mais uma ferramenta entre outras?

Na “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”, Lacan (2003) coloca a questão sobre o que deveria predispor um membro de Escola ao estudo da topologia. Ele responde que, por meio dela, será possível dissipar uma série de confusões que embaraçam os psicanalistas em sua relação com a psicanálise, permitindo diferenciar um saber textual (aquele que está em jogo na demonstração de uma formalização lógica) do saber referencial (aquele que referencia um outro, sujeito suposto saber, e que mascara o primeiro) (Lacan, 2003). Essa passagem do referencial ao textual é, portanto, algo que diz respeito à formalização da experiência, algo que está em jogo, inclusive na própria passagem de analisante a analista, e na relação deste com a Escola. Explico-me.

Não há psicanálise sem o dizer de Freud que, segundo Lacan, é o postulado da castração: “não há a relação sexual”. Só que, ao formular o “não há” dois que fariam existir o Um do todo, Lacan também extrai, a partir da lógica, que “há do Um”, um contável que se inscreve no corpo como marca da intromissão de um “resto do real”, marca do Um sozinho.

Assim, aquilo que Freud considerou como um rochedo intransponível, para Lacan é o pivô em torno do qual a experiência da análise vai poder fazer suas voltas para desdobrar algo que remete à experiência de cada um com a falta, não apenas a que recai sobre si mesmo, mas especialmente a que incide sobre o Outro, do qual se esperava alguma garantia.

A análise, para Lacan, se precisa passar pelos desfiladeiros da linguagem, é com o fim de alcançar o ponto no qual a verdade encontra seu limite, ponto em que emerge algo da relação do corpo com o próprio gozo e que convoca cada um a colocar aí algo de sua própria lavra.

Assim, entendo essa passagem do saber referencial (referido à suposição de saber que esperamos, inclusive, da teoria) para um saber textual, fruto da experiência da análise, um saber fazer com isso, que pode ser manejado “quando se tem o sentido da *épura*”¹ (Lacan, 1973, p. 314).

Se Freud apostava no tratamento pela decifração da verdade, Lacan aponta que é pela introdução do real que o analista pode operar para visar a um final de análise. É “Quando o esp de um laps (...) já não tem nenhum impacto de sentido que temos certeza de estar no inconsciente.” Mas ele também acrescenta: “basta

1 Uma *épura* é uma peça geométrica que serve de guia para que a execução de uma obra siga a proporção exata, denotando, assim, que existem certas regras lógicas para se articular esse saber.

prestar atenção para que se saia disso. Não há amizade que esse inconsciente suporte” (Lacan, (1976/2003, p. 567). A debilidade mental que leva a flutuar entre os discursos e a tendência a reintroduzir o sentido estão sempre à espreita.

Por isso, a formação do analista, pelo menos do analista na proposição lacaniana, depende de estarmos à altura de sustentar aberto o *esp* em que cada um venha colocar sua pitada de sal. Nesse sentido, podemos dizer que a topologia é a épura da qual o analista pode lançar mão, para orientar-se na relação com a clínica e com a Escola, mobilizando um saber em ato, que se depreende da experiência da própria análise e, mais especificamente, dos limites desse saber. O nó, é preciso fazê-lo.

Considerando-se tudo isso, podemos até mesmo dizer, como afirma Monteiro (2014, p. 133), que topologia se faz, saiba-se ou não, porque “ela é a própria fronteira entre a teoria e a clínica”. Como afirma Lacan, no seminário *Les non dupes errent*, o que vocês fazem na clínica, “longe de ser obra de ignorância, é sempre determinado, determinado por alguma coisa que é saber e que chamamos de inconsciente. O que vocês fazem, sabe, sabe, s-a-b-e, o que vocês são, sabe vocês” (Lacan, 1973-1974/2018, p. 53). Ou seja, você pode até não saber topologia, mas a topologia sabe você. Então, como afirma Monteiro (2014, p. 133), tanto melhor que nos esforcemos para nos apropriarmos dela, pois “os equívocos da topologia se farão sempre às expensas do cliente”.

Formalizar para localizar o impasse

Na lógica matemática, o processo de formalização constitui-se na redução do caso a partir de uma operação que converte os argumentos em operações lógicas. Lacan recorre mesmo a esse campo do saber como o único que poderia possibilitar um acesso ao real, justamente por ser a lógica matemática aquela que permite reduzir as proposições (os ditos) à letra, que, em si mesma, não tem significado, mas que, no contexto do caso, vem a ocupar uma função.

No entanto, e aí está seu distanciamento em relação à matemática e à ciência, aquilo que vai interessar a Lacan não é o que se formaliza das proposições em si, mas seus impasses, pois é justo por eles que o real pode vir a se escrever. Como me disse certa vez um professor de lógica: “o lógico prefere se jogar pela janela a se deparar com um impasse”. A psicanálise recorre à lógica para permitir que um sujeito possa fazer outra coisa diante do impasse do que se jogar pela janela. É por isso que Lacan, apesar de recorrer largamente à formalização lógica, vai dizer: “O truque analítico não será matemático. É mesmo por isso que o discurso da análise se distingue do discurso científico” (Lacan, 1972-1973/1985, p. 159).

Para alcançar essa formalização, Lacan recorre, em um primeiro tempo de seu ensino, predominantemente à linguística e ao estruturalismo. Nesse momento, o que se destaca é que há uma estrutura lógica em jogo no processo de uma análise, e essa estrutura é a da linguagem. No entanto, ele se depara com o fato de que há

um limite no Outro simbólico, que nem tudo é possível de se inscrever pela via da linguagem, localizando na estrutura um ponto de falha, que ele vai notar como $S(A)$ (Lacan, 1998).

Essa escrita do furo no Outro simbólico, apesar de funcionar como um limite, também abre a margem na qual se esboça outro campo, aquele em que será possível localizar aquilo que, não sendo linguagem, produz-se pelo fato de sermos falantes. Trata-se do campo do gozo, que Lacan um dia desejou que pudesse vir a ser chamado de campo lacaniano. Mas essa constatação do furo, e do gozo que aí se esboça, leva Lacan a ter que elaborar também as modalidades de como esse gozo comparece na experiência que o ser falante tem com seu corpo, corpo sexualdo (Lacan, 1972-1973/1985, p. 125).

Como abordar aquilo que não pode ser aprendido nem pela imagem, nem pela significação simbólica, enquanto o pensamento só dispõe da própria estrutura da linguagem para pensar? É nesse ponto que Lacan (1972-1973/1985, p. 161) vai afirmar que “só a matematização atinge um real — e é nisto que ela é compatível com nosso discurso”. A matemática interessa à clínica, como afirmam Souza (1995), na medida em que conta com o saber que se inscreve em um discurso o mais vazio de sentido,

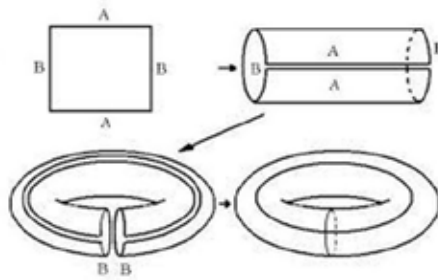
(...) um discurso que dispensa toda metáfora. E, por ser o mais vazio de sentido, tal discurso é aquele mesmo no qual se funda a fantasia — um complexo psíquico organizado como cenário feito de imagens e significações que serve ao sujeito para velar o vazio e a ausência de sentido nos quais se sustenta sua existência. (Souza & Fernandes, 1995, p. 2)

Ou seja, é ainda em torno do que faz furo na estrutura que se coloca o interesse de Lacan, furos que, agora, conjugam real, simbólico e imaginário.

A topologia e a clínica

A topologia é o ramo da matemática que se dedica a estudar o espaço em suas propriedades (Monteiro, 2014). Ela permite fazer isso não a partir de imagens ou formas, mas de uma escrita em que, pela materialidade da articulação significativa, constitui-se uma superfície. Esta é apreendida a partir de suas propriedades (localização, orientação e vetorização) e por sua inscrição em traço e em corte. Por meio dessas coordenadas, vai ser possível situar o lugar do furo, que é o que vai dar à superfície topológica sua razão de ser. As superfícies topológicas não implicam, portanto, uma imagem, mas, sim, uma articulação, que segue uma lógica.

Figura 1. Constituição de um toro a partir de coordenadas topológicas.



Fonte: <http://www.infinitoteatrodelcosmo.it/2019/03/10/matematizziamo-nastro-mobius-parte-9-toro/>

Desde Freud (1895/1997, p. 282), o inconsciente pode ser tomado como um processo de escrita, mais especificamente, de transcrição e tradução, formando registros. Três, pelo menos, ele diz na Carta 52. Partindo da origem das percepções (*Wahrnehmungen*), que vão ser registradas como traços (*Wahrnehmungszeichen*) ainda incapazes de ser acessados pela consciência, passando pelo segundo registro, que organiza os traços em lembranças conceituais (*Unbewusstsein*), compondo um sistema inconsciente, até chegar à terceira transcrição (*Vorbewusstsein*), esta, sim, ligadas às representações verbais e que podem se tornar conscientes de acordo com determinadas regras. Nesse processo, no entanto, diz Freud, nem todo material pode ser transcrito, o que favorece que, no inconsciente, continuem existindo os *furos*, territórios em que a lei política local não vigora, ou seja, em que os traços inscritos permanecem sem poder associar-se às representações de palavra.

Eis um motivo pelo qual Lacan vai se interessar pela topologia: porque a psicanálise nos ensina que é exatamente um furo aquilo que vem a articular as representações para cada sujeito, constituindo o mundo das significações. Ocorre que este é movido pela realidade sexual. É por ela que o significante entra no mundo, ou seja, que o homem aprende a pensar. É que os enigmas da sexualidade (que, por sua vez, convocam os furos do corpo, chamados por Freud de zonas erógenas) têm afinidade com o jogo dos significantes (Lacan, 1964/1985, p. 144). Podemos pensar, aqui, na curiosidade da criança em sua pesquisa em torno do sexual, mas que esbarra, necessariamente, em um vazio de significação. Vazio esse que a psicanálise nomeia como castração.

Como afirmam Cevasco & Chapuis (2018, p. 27, tradução nossa), “a ‘realidade sexual’ está estruturada em torno de um furo, e, desse furo, pode-se dizer, surge uma multiplicidade de manifestações que têm um claro correlato clínico; desse furo sai esculpida uma multiplicidade de nomes”. Há algo no furo que faz função de nomeação para um sujeito, guardemos isso.

Retroativamente, podemos dizer que Lacan se utilizou da topologia muito cedo em seu ensino. Ela pode ser verificada em vários de seus grafos e esquemas. Mas é em 1961, no seminário sobre a identificação, que ele vai se apropriar mais claramente da topologia de superfícies. É a partir dela que Lacan vai trabalhar, por exemplo, a relação do desejo com o desejo do outro, a demanda, a fantasia, o corte operado pelo ato analítico etc. É uma referência muito importante de seu ensino e que continua sendo muito útil em nossa tentativa de formalização da clínica.

Mas, em 1972, um encontro casual com o nó borromeo abre possibilidades ainda maiores para a exploração da topologia, e Lacan passa da topologia de superfícies para a topologia do nó. Lacan (2006) diz que jantava com uma pessoa encantadora quando, como um anel entre os dedos, ela lhe presenteou com o emblema dos Borromeos, do qual ele extrai o nó de três anéis.

Figura 2. Nó borromeu.



Fonte: <http://gaogoa.free.fr/SeminaireS.htm>

Inicialmente, ele toma o nó borromeu para repensar a cadeia significativa, mas começa a explorar as possibilidades de articulação desse nó. Percebe, por exemplo, que com a topologia do toro se pode fazer um nó. Além disso, como afirmam Cevalasco & Chapuis (2018, p. 41), com a topologia borromeana Lacan passa “de uma topologia do conjunto vazio a uma topologia do furo”, pensando as amarrações que permitem que esse furo se estabeleça.

É a partir da lição de 13 de novembro de 1973 do seminário *Les non dupes errent* que Lacan identifica cada um dos três termos do nó borromeano aos registros do real, simbólico e imaginário — que passam a ser tomados como a estrutura do ser falante (Lacan, 1973-1974/2018). Então, no nó borromeano cada redondel (ou cada nó trivial) localiza o Real, o Simbólico e o Imaginário, e, para haver consistência do nó, é necessário que haja pelo menos esses três, amarrados de tal forma que, se uma das rodela se solta, todas as outras também se desençam:

O nó borromeu não pode ser feito senão de três. O imaginário, o simbólico não bastam. Faz falta um elemento terceiro, e eu o designo como o Real. É preciso que exista essa solidariedade determinante de que haja sujeito, sujeito falado, em todo caso: a perda de qualquer uma das três dimensões, a condição fundamental para que o nó se sustente, é que a perda de qualquer uma dessas três dimensões as faz enlouquecer, quer dizer, elas ficam livres uma da outra, das duas outras. (Lacan, 1973-1974/2018, p. 64)

Com esse movimento, a formalização da clínica não se detém mais apenas na primazia da dimensão simbólica da estrutura, mas passa a se remeter a uma equivalência entre essas três dimensões habitadas pelo ser falante. Embora R. S. I. estejam em equivalência, as diferenças entre eles podem ser distinguíveis. O simbólico é a cadeia significativa, com suas características de local ou posição em relação a outro significativo, sua serialidade, sua equivocidade. O real localiza o que existe ao simbólico, inapreensível pelas representações e que retorna sempre ao mesmo lugar. Já o imaginário é a imagem do corpo próprio, a pregnância da esfera à qual o pensamento busca se conformar, privilegiando o sentido (Lacan, 1973-1974/2018). Mas, se eles se equivalem, como essa diferença pode ser localizada no manejo dos nós? Temos que recorrer às cores para diferenciá-los, mas colorir não é um recurso da matemática, é um recurso da imagem. Como encontrar em uma forma de nomear que se dê verdadeiramente pela via de uma escrita? Foi uma das questões com que Lacan se deparou na infância de sua topologia dos nós.

Outro ponto importante que Lacan vai constatando é que o nó borromeano de três elos pode ser considerado como uma estrutura ideal, mas dificilmente ele seria encontrado assim na experiência. Para cada sujeito, vai haver sempre um ponto no qual a estrutura falha, um ponto equivalente à inexistência da relação sexual e que precisa de um quarto termo para ser corrigido.

A realidade sexual coloca em jogo o registro do real como aquilo que não entra nas significações, escapa à representação, mas empurra à busca por tentar representar. Na neurose, o ponto de encontro com esse vazio convoca um nome pela via do Édipo: “atar-se de outra forma é o que faz o essencial do complexo de Édipo, e é no que, muito precisamente, opera a própria análise” (Lacan, 1973-1974/2022, p. 19).

Na via simbólica, o pai como portador do significativo fálico orienta as relações do sujeito com a Lei (o que pode ou não ser inscrito e o que é relegado ao inconsciente), a distribuição do gozo nas zonas erógenas, insere-o em uma linhagem familiar (sua descendência e ascendência) e localiza-o em sua posição sexuada (sou homem ou sou mulher?). Lacan vai dizer que o Édipo é o modo de amarração freudiano (Lacan, 1973-1974/2022).

Mas, a meu ver, o que a teoria dos nós aporta de mais importante para Lacan e para a formalização da clínica é, justamente, a descoberta de que não existe apenas um modo de fazer a amarração, expandindo a clínica do Nome-do-Pai. Na lição de 11 de março de 1975 do seminário *R. S. I.*, ele afirma: “pois bem, os Nomes-do-Pai é isso: o Simbólico, o Imaginário e o Real” (Lacan, 1973-1974/2022, p. 44).

Pelo caminho que segue a trilha do deslizamento significante *Les non dupes errent* (que em francês permite ouvir “o não do pai” – “os nomes do pai” – “os não tolos erram”), Lacan pluraliza o Nome-do-Pai, dessacralizando-o e fazendo uma transição do Outro da tradição patriarcal para o Outro como produto de uma operação lógica (Lacan, 1973-1974/2018).

A pluralização dos Nomes-do-Pai aponta para a mundanidade da castração, efeito não da interdição de um outro, mas da própria estrutura da linguagem, à qual estamos todos submetidos. Não há Outro do Outro, não há o Um que viria a assegurar a existência da relação sexual. O que há é do Um como marca de gozo.

Par manter os três registros enodados, portanto, vai ser necessário um quarto elo, que Lacan vai pensar tomando a tríade freudiana — inibição, sintoma e angústia — e fazendo-a equivaler à duplicação de cada um os três registros; uma duplicação que faz ponto de basta, enodando: a inibição — uma detenção produzida pela intrusão do Imaginário no Simbólico; o sintoma — o ponto de amarração se faz como efeito do Simbólico no Real; a angústia — como um transbordamento do Real sobre o Imaginário (Lacan, 1973-1974/2022).

Como afirmam Cevasco & Chapuis (2018), no nó de três elos, qualquer um dos três pode intercambiar-se, indefinidamente. Mas, no nó de quatro, os anéis formam pares não intercambiáveis. Desse modo, quando o quarto elo faz par com o Imaginário, temos a nominação imaginária (Ni), cujo efeito é a inibição; quando o elo duplicado é o real, temos uma nominação real (Nr), da qual participa a angústia; e quando a nominação é pela duplicação do simbólico (Ns), temos como efeito o sintoma.

Lacan vai formalizar esses três modos de amarração como três possibilidades de Nomes-do-Pai, de nomeação. Além disso, é importante ressaltar que o nó não está feito de uma vez por todas. Ao longo da experiência de um sujeito, podemos identificar cortes reais, “estruturantes da complexidade psíquica, posto que rompem a condição subjetiva anterior e a refazem com novas condições” (Cevasco & Chapuis, 2018).

Na clínica estruturalista dos anos 1960, vamos poder nos situar a partir do universal da linguagem e três modos particulares de cada um se organizar: neurose, psicose e perversão. Mas, com a clínica borromeana, apesar de não abandonarmos essa referência ao particular, passamos a nos perguntar como cada um, em sua singularidade, amarra essas três consistências. Como cada um se vira com o que ex-siste? Como o furo organiza a realidade de cada um?

Um excerto clínico

Sérgio procura a análise com um quadro de crises de pânico muito fortes, em que sente que vai morrer. Os poucos recursos simbólicos mobilizados nas entrevistas, um longo período infantil em uma posição de falo imaginário da mãe e as manifestações de despersonalização relatadas, levam a analista, inicialmente, a suspeitar de uma psicose.

No entanto, se o sujeito chega com sua demanda emaranhada ao Outro, é preciso um primeiro corte, para, a partir do simbólico, identificar o que aí comparece de imaginário e de real.

Em associação livre, apresenta uma cena infantil, em que, acometido por uma febre muito alta, tem uma alucinação: vê A (um homem) jogar um objeto na direção de B (uma mulher), que se volta para jogá-lo em direção a ele mesmo, que se desespera, sentindo o corpo paralisado, sentindo que vai ser esmagado. No decorrer do trabalho de análise, outra cena infantil reproduz essa tríade, ressignificando a primeira: A (um homem), chegando à casa bêbado, toma-o no colo e beija-o, “como quem beija uma mulher”, diante de B (uma mulher), que assiste a tudo. Diante desse olhar, Sérgio é tomado pela vergonha.

Vemos como o fenômeno alucinatório não pode ser tomado como índice diagnóstico, pois se trata de uma manifestação transitória. Interrogando o caso topologicamente, é possível ir discernindo esse momento em que o significante “ser tomado como uma mulher” destaca no corpo o real do gozo, produzindo um corte no nó anteriormente estabilizado pela nomeação imaginária (Ni) da identificação ao falo materno e gerando um lapso no nó, evidenciado pelo fenômeno alucinatório.

No entanto, a cadeia borromeana não se desfaz, mas vai ser re-enodada a partir de uma mudança de posição do “ser ou não ser” o falo materno para um “ter ou não ter” o falo, evidenciada pela terceira cena infantil, em que entra em jogo agora o pênis real: Sérgio queixa-se do tamanho do órgão e sofre intimamente, pensando que, se uma mulher o visse, ela riria dele.

A angústia que, na primeira cena, aparece como “ser esmagado”, transmuta-se no sentimento de vergonha, nas duas outras cenas. Trata-se de afeto que Freud (1910/2013, pp. 271-272) inclui entre as chamadas “formações reativas”, um dique que, na puberdade, “intervém quando sobrevém a inundação da necessidade sexual”, tornando “impossível reavivar os instintos submetidos à repressão”. Índice do recalque, portanto, com a conseqüente negatização do gozo (-) que acompanha os significantes risível, inferior, menor.

O que ocorre é que, ao entrar na dialética fálica, Sérgio vê-se confrontado com a hiância imensa que existe, como diz Lacan (1956), entre satisfazer uma imagem ideal e ter algo de real para apresentar, o que é vivido como “apenas uma coisa miserável”. Além disso, com o recurso da elaboração topológica, foi possível discernir que não se trata de uma relação dual, puramente imaginária. Há um

terceiro incluído. O pai real comparece, com sua *père version*, seu gozo abusivo, e a incidência do significante destaca o objeto olhar que paira sobre a cena.

O nó, desse modo re-enodado, permanece estabilizado, até que, na adolescência, as primeiras experiências homossexuais mobilizam o real do sexo: a questão acerca da diferença sexual e a urgência pulsional agora exigem um encaminhamento. Surgem fantasias eróticas, em que se coloca no lugar de satisfazer um homem, mais que uma mulher.

Mas essa posição implica a entrada da castração pela via da posição feminina, esbarrando no impossível da relação sexual. A saída que encontra divide-o entre duas figuras da mulher. De um lado, a mulher doente, morta, desfalicizada, com quem se identifica em suas crises. De outro, figuras da mulher fálica, em que também coloca a analista e diante das quais se vê sempre em defasagem. Ocorre que esse Outro é instituído sob a forma da outra mulher, também com o intuito de destituí-lo. É o que comparece na transferência, quando, diante de uma situação que o angustia, confessa ter pensado poder enganar a analista.

Ao não responder ao lugar em que é colocado na transferência, o analista, com seu ato, isola o *a*, mantendo-o à máxima distância possível do ideal (Lacan, 1964/1985). Sérgio passa a se apropriar mais de sua história, especialmente das referências paternas, que também passam a surgir em seus sonhos. A questão da nomeação perfila-se por trás da estratégia neurótica que esse sujeito constituiu para se fazer reconhecer por um pai, demandando o amor dos “homens hétero”, que o recusam, fixando-o em um lugar de insuficiência. As fantasias incestuosas, assim como a permanência de uma satisfação autoerótica, ficam no caminho de uma abertura em direção ao outro sexo.

Para finalizar...

Para finalizar, gostaria de dizer algumas palavras sobre o efeito que esse encontro com a topologia teve para mim na condução da clínica. Falar é a via pela qual se acessa em análise uma verdade, sempre experimentada na singularidade de cada caso. No entanto, é importante lembrar, essa verdade não permite concluir, pois, como diz Lacan (1973, p. 315) na *Nota italiana*, “não existe verdade que se possa dizer toda, nem mesmo esta, já que esta não se diz nem mais nem menos”. Por isso, uma análise não tem como ponto último uma interpretação do tipo edípica, que fixaria o sujeito como produto de sua historieta.

Além disso, é preciso observar que nem todo sujeito busca a análise com um sintoma previamente constituído pela via edípica. Mais ainda no momento histórico em que vivemos, no qual o discurso capitalista, casado com o discurso da tecnociência, alarga os limites do impossível, borrando as insígnias que balizam o desejo, restando ao sujeito um imperativo de gozo que, muitas vezes, retorna-lhe como angústia.

Assim, uma análise conduzida apenas pelo referencial simbólico traz problemas para a condução clínica nos casos de sujeitos cuja amarração do nó não se dá a partir da duplicação desse registro. Refiro-me não apenas às psicoses, em que o modo de amarração borromeano não se faz, mas também àqueles casos em que o nó é borromeu, mas a amarração se dá a partir da inibição ou da angústia.

Apostar no saber em ato que a topologia suscita é tomar o real como orientação, uma clínica na qual o que está em jogo não é o particular dos tipos clínicos, nem mesmo o diagnóstico, mas, sim, como a linguagem marca cada um, produzindo o encontro traumático com o gozo e os arranjos que se dão a partir daí para enlaçar a pulsão e a imagem do corpo.

Orientar-se pela topologia, portanto, é um caminho para que o analista possa estar à altura de seu tempo, escutando a singularidade de cada caso e evitando cair nos preconceitos, que podem criar embaraço, quando não dispomos de ferramentas para cernir o real em jogo em cada caso.

Referências bibliográficas

- Cevasco, R., & Chapuis, J. (2018). *Paso a paso... hacia una clinica borromea*. Barcelona: Centro de Investigación Psicanálisis & Sociedad.
- Freud, S. (1997). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1895)
- Freud, S. (2013). Cinco lições de psicanálise. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 9, pp. 220-286). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1910)
- Lacan, J. (1956). *O seminário, livro 4: as relações de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1973). Nota italiana. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)
- Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1972-1973)
- Lacan, J. (1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In J. Lacan, *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2003). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 249-264). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2003). Prefácio à edição inglesa do Seminário 11. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1976)
- Lacan, J. (2006). *O seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1975-1976)

Você pode não saber topologia, mas a topologia sabe você
(ou por que se predispor a esse estudo e sua aplicação clínica)

- Lacan, J. (2018). *O seminário, 21: os não-tolos erram/os nomes do pai*. Porto Alegre: Fi. (Trabalho original publicado em 1973-1974)
- Lacan, J. (2022). *O seminário, livro 22: R. S. I*. São Paulo: Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo (Edição não comercial destinada aos Membros da Escola dos Fóruns do Campo Lacaniano). (Trabalho original publicado em 1973-1974)
- Monteiro, M. P. (2014). A topologia de Lacan. *Estudos de Psicanálise, 41*, 133-139. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372014000100013&lng=pt&tlng=pt
- Souza, N. S., & Fernandes, F. L. (1995). Psicanálise e matemática. *Bolema, 10*.

Recebido: 01/03/2022

Aprovado: 15/03/2022